

Os atos da princesa

Guilherme Fontenelle Ambros¹

PARIS, dezembro de 1936:

“Não há dúvida de que o material é seu. Afinal, conheço sua letra!”²

Era Marie Bonaparte, escrevendo da França a seu antigo analista – e, a essa altura, amigo – para lhe informar que 272 das incontáveis cartas que ele escrevera a seu mais íntimo confidente haviam sido compradas por ela. Ida Fliess, viúva de Wilhelm, as tinha vendido, juntamente com os extensos esboços científicos que as acompanhavam, ao livreiro berlinense Reinhold Sthal, que as adquirira sob a estrita condição de não repassá-las a nenhum membro da família Freud. Ainda que a justificativa da senhora para a restrição fosse o receio, inegavelmente procedente, de que a papelada pudesse ser destruída por seu autor, é provável que carregasse também resquícios de seu ressentimento pela relação entre os dois homens, uma vez que, com o passar dos anos, ela se tornou progressivamente enciumada, tendo inclusive agido com o intuito de afastá-los. Como bem nos chama a atenção Shirley Garner (1989), em seu artigo “*Freud and Fliess: homophobia and seduction*”, quando o relacionamento entre os dois já estava estremeado, Sigmund relembrou Wilhelm do alerta que sua esposa recebeu certa vez e que a fez passar a reagir negativamente à proximidade entre eles. É o que se lê na mensagem enviada da cidade alemã de Thumsee, em agosto de 1901: “O que está fazendo sua

1 Psicanalista em formação, membro Provisório do CEPdePA.

2 MASSON, Jeffrey Moussaieff (ed.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p.7.

esposa senão pôr em prática, numa compulsão atroz, uma ideia que Breuer lhe plantou na mente certa vez, quando lhe disse como era grande a sorte dela por eu não morar em Berlim e não poder interferir em seu casamento” (FREUD, 1901, p. 448). Fogo amigo de Breuer. Quem diria.

Seja como for, o negociador alemão decidira entrar em contato com Marie antes de aceitar as propostas que recebera dos Estados Unidos. Ernest Jones (1989) nos informa que ela imediatamente identificou o valor dos documentos a que teve acesso e os comprou na totalidade, evitando que fossem enviados a terras norte-americanas. Mal sabia, ainda desconhecedora do teor da correspondência, do alívio com que seu mestre receberia a notícia. Em sua resposta, antes de se oferecer para dividir com ela as despesas que tivera, ele definiu a atitude como “uma extraordinária obra de amor” (FREUD, 1937, p. 7). Na comunicação entre os dois, nos meses que se seguiram à compra, se percebe com clareza a sensibilidade que a trama tinha. Em mais de uma oportunidade, o remetente evoca a natureza íntima da troca para expressar sua preocupação com a possibilidade de que seja exposta. Marie, por sua vez, trata de tranquilizá-lo, não só garantido que iria pessoalmente à Áustria para que decidissem juntos o que fazer, mas também o mantendo informado sobre os trâmites de envio do lote, da Alemanha para a Inglaterra e, posteriormente, para a França, onde o recebeu em fevereiro de 1937. Nada disso a impediu, todavia, de recusar a proposta de subsídio de seus custos que recebera. Deixou claro que pretendia arcar com tudo sozinha para que pudesse confabular com liberdade sobre como proceder, afirmando que era pessoalmente contrária à destruição de qualquer peça. Um ato analítico, vale brincar, que preservou para a posteridade o que foi referendado por Rodrigué (1995, p. 317) como “o mais importante conjunto de documentos da história da psicanálise”. Indubitavelmente, um tratado acerca do desenvolvimento do método e da técnica psicanalítica – além, é claro, de um fascinante mergulho na intimidade de seu descobridor, que jamais seria possível se não fosse a argúcia de Marie, desde a transação com Sthal até o manejo da transferência com seu antigo analista.

Em Viena, ela ouviu, e negou, o pedido para que queimasse os papéis, agora de sua propriedade. Após longas conversas, contornou a insistência para que não os lesse e, então, convicta de sua relevância, convenceu o antigo dono a permitir

que os preservasse, sob o argumento de que não seriam publicados na íntegra antes de suas revelações pessoais se tornarem menos impactantes, aplacadas pela passagem do tempo. Foi até aventada a possibilidade de se enviar os escritos à Biblioteca Nacional da Suíça, onde ficariam melhor protegidos dos eventuais riscos de revoluções ou guerras, sob a condição de não serem examinados até 80 ou 100 anos após sua morte. No comunicado dos editores da primeira impressão (parcial) em alemão, em 1950, fica expresso o papel de Bonaparte também nos arranjos preliminares para a publicação. Ali, ela, Anna Freud e Ernst Kris – os três editores, sediados, respectivamente, em Paris, Londres e Nova Iorque – deixam clara a hesitação à exposição das informações imposta pelo desejo manifesto de Freud de que nada viesse a público. Em livre tradução:

O autor do material deste volume não teria consentido a sua publicação. Era hábito de Freud destruir todas as notas e rascunhos preliminares assim que tivessem servido a seu propósito, não publicar nada incompleto ou inacabado, e apenas publicar material de ordem pessoal quando fosse indispensável para demonstrar conexões inconscientes (FREUD; BONAPARTE; KRIS, 1975, p. XI, tradução nossa).

Nada além da inquestionável magnitude do impacto do conteúdo das mensagens no universo psicanalítico poderia justificar sua publicação, mas a magnitude do impacto do conteúdo das mensagens no universo psicanalítico era inquestionável. Ainda assim, apenas 168 dos 274 manuscritos foram transcritos, muitos deles com omissões dos trechos alegadamente dispensáveis. Eram, na verdade, passagens consideradas sensíveis demais para serem expostas. Também constam ressalvas, na edição inglesa (1954), no que tange ao alvoroço causado pela primeira edição, quatro anos antes. Ali os editores afirmam que, embora os temas complementassem informações pessoais reveladas na obra freudiana, os “segredos” então revelados diziam respeito apenas a certos aspectos dos interesses e preocupações do homem por trás do Inconsciente em um período específico de sua vida. Inexplicavelmente, o material omitido foi classificado como “detalhes sem

interesse” por Jones (1989, p. 293) em seu “*A vida e a obra de Sigmund Freud*”, cujo tom é um tanto parcial em toda sua extensão. Bem mais ainda viria.

Foi apenas em 1978 que Jeffrey Moussaieff Masson – norte-americano com Ph.D. em sânscrito e indologia em Harvard – conseguiu, em meio a sua formação psicanalítica iniciada oito anos antes, autorização de Anna Freud para publicar os arquivos na íntegra. Posteriormente nomeado para suceder Kurt Eissler como diretor dos Arquivos de Sigmund Freud³, ele teve acesso irrestrito a toda a coleção de documentos e trabalhou diretamente da casa da família, em Maresfield Gardens, Londres, onde compilou as 106 cartas e os 27 documentos não publicados anteriormente, além de retraduzir, desta vez sem omissões, o que fora divulgado em 1950. Era 1985, transcorridos 46 anos da morte do escritor, quando a verdade veio à tona.

Por mais inegáveis que sejam os benefícios da publicização destes textos íntimos para os estudiosos da psicanálise, pelo caderno de anotações de Marie Bonaparte encontrado por Masson (1986) em Londres, além dos insistentes pedidos para que os papéis fossem destruídos, nos chegam notícias de que Sigmund se sentira traído por Ida Fliess diante de sua decisão de negociar os documentos. No capítulo que dedica à questão em seu livro “*Freud on coke*”, David Cohen (2011, p. 221) assinala que o escritor se referia a ela privadamente como “a bruxa”, e, em Jerusalém, onde ficam os Arquivos de Fliess, foram encontradas quatro notas trocadas entre ele e a viúva, datadas de 1929, nas quais fica evidente o tom reticente entre os dois: ela solicita a devolução da correspondência de seu falecido marido, ele responde dizendo que tudo estará a sua disposição caso seja encontrado, mas alega não lembrar se destruiu ou perdeu o que recebera – um tanto peculiar para alguém tão minucioso, o que dá margem, inclusive, a suscitar a hipótese de que ele tenha preservado os suvenires de sua afeição até o final da vida, contrariando o que dizem seus biógrafos mais célebres.

É só após a leitura completa do volume organizado por Masson que se pode compreender com mais naturalidade a cautelosa atitude de Freud em relação ao conteúdo revelado. Além das indiscrições típicas das conversas privadas, ele evidencia o caráter erótico de sua relação com Fliess. As cartas são de amor. Quem

3 Conjunto de seus documentos originais e pessoais, divididos entre a Biblioteca do Congresso, no Capitólio, em Washington, e a casa em que viveu seus últimos anos, em Londres.

poderia culpá-lo por querer resguardá-las de olhos alheios? Embora este fato pareça passar batido por alguns pesquisadores, o próprio, em mensagem a Sándor Ferenczi, datada de outubro de 1910, atesta que ali havia um componente homossexual. Assim traduzi a passagem do inglês: “Esta necessidade [de abrir por completo sua personalidade] se extinguiu para mim desde o caso com Fliess, em cuja superação você me viu ocupado recentemente. Uma parcela da catexia homossexual foi retirada e utilizada para ampliar meu próprio eu” (FREUD, 1910, p. 221, tradução nossa). Esta não foi a última menção ao relacionamento. No final do mesmo ano, voltaria a afirmar que já o havia superado, aparentemente ainda elaborando o rompimento *longe* de ser deslembado.

Tão resistentes quanto a paixão de seu autor, foram suas palavras sobre ela. Salvas de suas mãos, ainda tiveram que escapar das de Adolf Hitler antes que o mundo as pudesse ler. Marie as depositara em seu cofre no Banco Rothschild, em Viena e, em março de 1938, quando o regime nazista invadiu a Áustria, evocou sua condição de princesa da Grécia e da Dinamarca para ser autorizada a retirá-las de lá, clandestinamente, junto de seus pertences. Os livros de Freud haviam sido queimados na Alemanha, assim como os de Ernest Hemingway, Friedrich Nietzsche, Albert Einstein e outros escritores considerados “decadentes”. Identificados pela Gestapo, seus manuscritos certamente teriam o mesmo destino. Ato heroico da francesa, que parou o tempo e nos deu a oportunidade de conhecer uma das grandes paixões da vida do criador da psicanálise.

REFERÊNCIAS

COHEN, D. **Freud on coke**. London: Cutting Edge Press, 2011.

FREUD, A.; BONAPARTE, M.; KRIS, E. (ed.). **The origins of psycho-analysis: letters to Wilhelm Fliess, drafts and notes: 1887-1902**. New York: Basic Books, 1954.

FREUD, A.; BONAPARTE, M.; KRIS, E. (ed.). **Aus den anfängen der psychoanalyse: briefe an Wilhelm Fliess, abhandlungen und notizen aus den jahren 1887-1902**. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1975.

FREUD, S. (1901). Thumsee, 7 de agosto de 1901. *In*: MASSON, J. M. (ed.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, S. (1910). Vienna, october 06, 1910. *In*: BRABANT, E. (ed.) *et al.* **The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi**. London: Belknap Press, 1993.

FREUD, S. (1937). 3 de janeiro de 1937. *In*: MASSON, J. M. (ed.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

GARNER, S. N. Freud and Fliess: homophobia and seduction. *In*: HUNTER, D. (ed.). **Seduction and theory: readings of gender, representation, and rhetoric**. Chicago: University of Illinois Press, 1989.

JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. 1.

MASSON, J. M. (ed.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

RODRIGUÉ, E. **Sigmund Freud: o século da psicanálise: 1895-1995**. São Paulo: Escuta, 1995. v. 1.